



MEMORABILIA*

P O E T R Y

Fernando Fábio FIORESE FURTADO

Imagem: Mauricio Mandler

Eram nomes no chão afundados.
Jamais conheceram o poeta
que, nesta manhã, ao mínimo
se ajoelha e amealha um sorriso
de estátua no rosto do avô,
o perfume fóssil da primeira Lilith,
une clarinette dépaycée, a professora-Eiffel,
um cachimbo (*malgré* Magritte),
o caderno de química de Augusto dos Anjos,
a estante maior que a casa,
maior que a cidade sob o *flamboyant*.
Não precisaram de meus olhos
para existir, nem de minhas mãos
para desmontar esta paisagem
onde um calendário descarrila
em domingos sem missa ou namoradas.

Não há acordo com os mortos:
da túnica inconsútil restaram
apenas os alinhavos,
da romã, um gosto amargo,
na cristaleira, um copo lascado,
acionando a dissolução de terrinas
e taças, de bibelôs e baixelas.
Não há memória para a primeira dor.

Mesmo os tios alfaiates desconhecem
a fazenda e o fio com que tecemos
- ou nos tece - essa camisa adulta
de esquecimento, os bolsos vazios,
a não ser por uma página
da tabuada de menos.
Inútil postular o périplo póstumo
da bicicleta alemã:
os pedais riem deste corpo
sem rodas e sem rumo,
pedalando para o caos.

Ah, esconder-se, lá
onde sonha a linha,
onde a cidade principia.
Os membros dispersos nascendo
da cifra e da blusa
entreaberta da professora,
nascendo da casa e da distância,
enclausurada na concha
de um caracol sem idade.

O ouvido nascendo do rio,
quando não de suas enchentes,
a seduzir os meninos
com um inteiro dicionário de medos.
Do quintal a mão nascendo,
estrangeira a novembros,
posto que alheia ao verbo
que já inicia doendo.
Os pés nascendo do muro
caiado de horizonte,
como uma estante onde
intangíveis os livros operam,
como um abismo portátil
que atravessasse o rosto
no ricto de todas as máscaras.

Os olhos ninguém adia,
nem o nono mandamento
nem o quarto interditado.
Apuram-se na gelosia e amam
o que se esconde, do cisco
ao pássaro, da nuca ao regaço
da vizinha cujas pernas
interrompiam a cidade.

Por ausência a boca nasce
de tudo que a preencha,
compotas, credos, hiatos.
E não há costura que defenda
dos dentes da morte
roendo os telhados,
nem do beijo véspera do esgarço,
do turbilhão de fonemas acres
que enquanto avança
a voz do pai faz brilhar
- antes a química,
depois a semântica.
Também brilhava um clarinete,
criado à sombra da clave de sol,
cansado de atravessar paredes
e duas oitavas acima
virar dor, serrote, martelo.

Para aviar-se o corpo encomenda
o que a anágua promete
assombrando a cerca:
anas, amélias, cláudias,
enigma escrito na água,
uma sede de vida afogada.
E os nomes no chão afundados,
como gravetos, ossos
desta bagagem
com que atravessamos a manhã,
até que os mortos acenem,
até que interrompa o horizonte.

* Do livro inédito A primeira dor (1994-1998).

